

UPDATE

apdc

Digital Business Community

#48

ABRIL | MAIO 2020



CICLO DE CONVERSAS DIGITAIS

“COVID-19 Digital Reply”

PROJETOS NA SAÚDE

Iniciativas tecnológicas diferenciadoras

A COVID-19 veio acentuar o espírito empreendedor e inovador nacional. Desde março, estão a multiplicar-se as redes de colaboração, entreaajuda e solidariedade para criar iniciativas assentes na tecnologia que mitiguem os impactos do coronavírus. Com destaque para a saúde.

“+PRÓXIMO”, “PSICOVIDA” e “Todos por Um” são exemplos de projetos que já estão a ser implementados, juntando múltiplas competências e muitas vontades com um único objetivo: criar iniciativas que possam contribuir para ajudar quem precisa. Estiveram em análise no 1º encontro do Ciclo de Conversas Digitais “COVID-19 Digital Reply”, que se realizou a 29 de abril.

A app “+Próximo” reúne os critérios necessários ao pré-despiste e acompanhamento da evolução da COVID-19 nos utentes de lares e residências, com base nas indicações clínicas fornecidas pelo Serviço de Especialidades Médicas e Direção Clínica do Hospital do Espírito Santo de Évora, facilitando o trabalho de profissionais e cuidadores.

Surgiu da iniciativa de Nuno Miguel Guerra,

CEO da CREATE, com o objetivo de contribuir para ajudar a região de Évora e teve de imediato o apoio das entidades locais. Pouco tempo depois, passou a integrar-se no ecossistema Outsystems, tendo agora como meta chegar a todos os lares e residências em todo o país. O seu mentor e gestor destaca, neste âmbito, a “enorme disponibilidade que tem sentido para avançar com o projeto por parte das instituições de saúde e da segurança social”.

Do ponto de vista dos lares, a solução é vista como muito importante, uma vez que permite facilitar o trabalho dos profissionais das residências de idosos e das pessoas com deficiência, como refere Manuel Galante, Presidente do Secretariado Regional de Évora da União das Misericórdias.

“Temos que nos envolver em tudo o que sejam



ferramentas para facilitar o controlo da saúde e garantir o bem-estar dos utentes”, adianta o mesmo responsável, explicando que foram doados à instituição vários tablets para instalar a app e avançar no terreno com a implementação do projeto, que ajuda não só nesta fase de pandemia como a todos os níveis no que respeita a cuidar de quem precisa.

Também Luís Cavaco, administrador do Hospital de Évora, destaca que a aplicação veio resolver um problema que é grande e se regista ao nível nacional: o dos lares, onde ter um ambiente que garante previsibilidade é verdadeiramente essencial. E o projeto faz para todo o sentido, não apenas no âmbito da pandemia, como posteriormente, já que permite às equipas médicas e aos profissionais de saúde monitorizar os utentes dos lares, dando ao hospital ferramentas para acom-

panhar à distância pacientes com problemas de saúde em tempo real, citando por exemplo os que sofrem de problemas respiratórios.

DO APOIO PSICOLÓGICO À MONITORIZAÇÃO

No caso da “PSICOVIDA”, esta aplicação destina-se a proporcionar o apoio psicológico necessário neste cenário de pandemia e de isolamento, disponibilizando uma rede de profissionais ou de estudantes universitários na área de psicologia. Técio Gonçalves, da Outsystems, em conjunto com um colega de faculdade da Universidade do Minho, tiveram a ideia de criar uma iniciativa que permitisse ajudar as pessoas, recorrendo às ferramentas digitais. Para poderem avançar, fizeram uma parceria com a Associação de Psicologia - Universidade do Minho

(APSI), passando desta ideia de dar aconselhamento psicológico a quem precisa através de um fácil acesso, gráuito e rápido a um projeto concreto.

E a concretização deste projeto aconteceu rapidamente. O site da iniciativa acaba de ser colocado online, e tem já criada uma bolsa de psicólogos voluntários que se estão a juntar ao projeto. Numa segunda fase, que arrancou agora, pretende-se desenvolver uma aplicação para permitir videochamadas com os profissionais de saúde, que terão formação específica para saber como lidar com as várias situações.

Adriana Sampaio, presidente da APSI e Professora Auxiliar da Escola de Psicologia da Universidade do Minho, explica que a adesão imediata ao projeto resultou de um primeiro projeto daquela associação, com a criação de uma linha de atendimento para apoio à COVID-19 para ajudar estudantes da universidade. Destaca que o site e a app têm ainda material de autoajuda de fácil acesso, alargando-se assim cada vez mais o apoio à saúde mental.

Também a “Todos por Um” é uma app que resultou de uma ideia de um quadro da Outsystems e de uma médica. Permite a monitorização dos sintomas e o diagnóstico do agregado familiar e a comunicação direta com médicos e enfermeiros, através de um chat. A preocupação foi ajudar as pessoas, quando ainda não se sabia se

o Serviço Nacional de Saúde teria ou não capacidade de aguentar o impacto da pandemia e no momento em que a Linha Saúde24 já estava a dar problemas, com a evidente falta de capacidade à avalanche de chamadas recebidas.

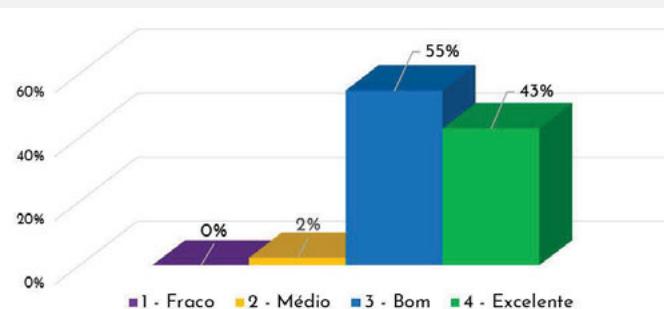
Para Bruno Pereira, Engagement Manager da Outsystems, tratou-se de “unir, à distância, as pessoas aos profissionais de saúde, através da tecnologia. E o mais rápido possível”. Numa semana, a aplicação ficou feita e já está a funcionar, com o apoio do grupo Lusíadas Saúde.

Sofia Couto da Rocha, Unit Manager das Clínicas Lusíadas Almada e Parque das Nações, diz que foi um “match muito natural” para conseguir concretizar um projeto que ajuda as pessoas que não sabem lidar com a pandemia.

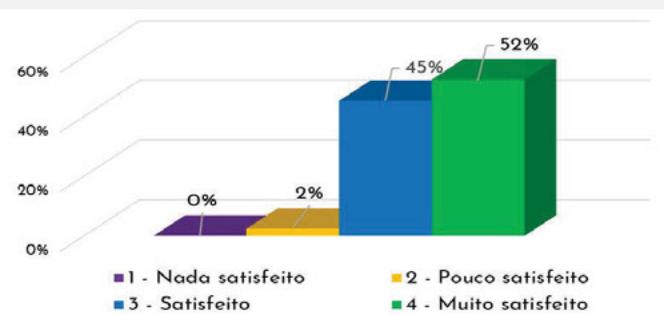
O passo seguinte foi criar um chat, com recurso a inteligência artificial, que vai aprendendo a dar informações às pessoas que as solicitam. E há muita vontade de ajudar. Afinal, a app já conta com quase quatro mil profissionais, todos da Lusíadas Saúde, de todas as faixas etárias. Tecnologia, parcerias e vontade foram os ingredientes fundamentais. •

**Unir, à distância,
as pessoas aos
profissionais de
saúde, através
da tecnologia de
forma rápida é um
objetivo comum
a todas estas
aplicações. Para
se poder ajudar
quem mais precisa**

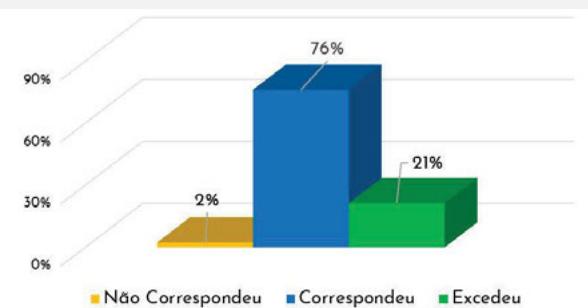
Como avalia a qualidade global das intervenções?



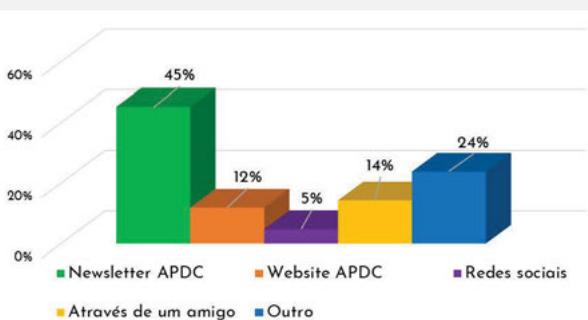
Qual o seu grau de satisfação com esta plataforma (Webex Events)?



Este webinar correspondeu às suas expectativas?

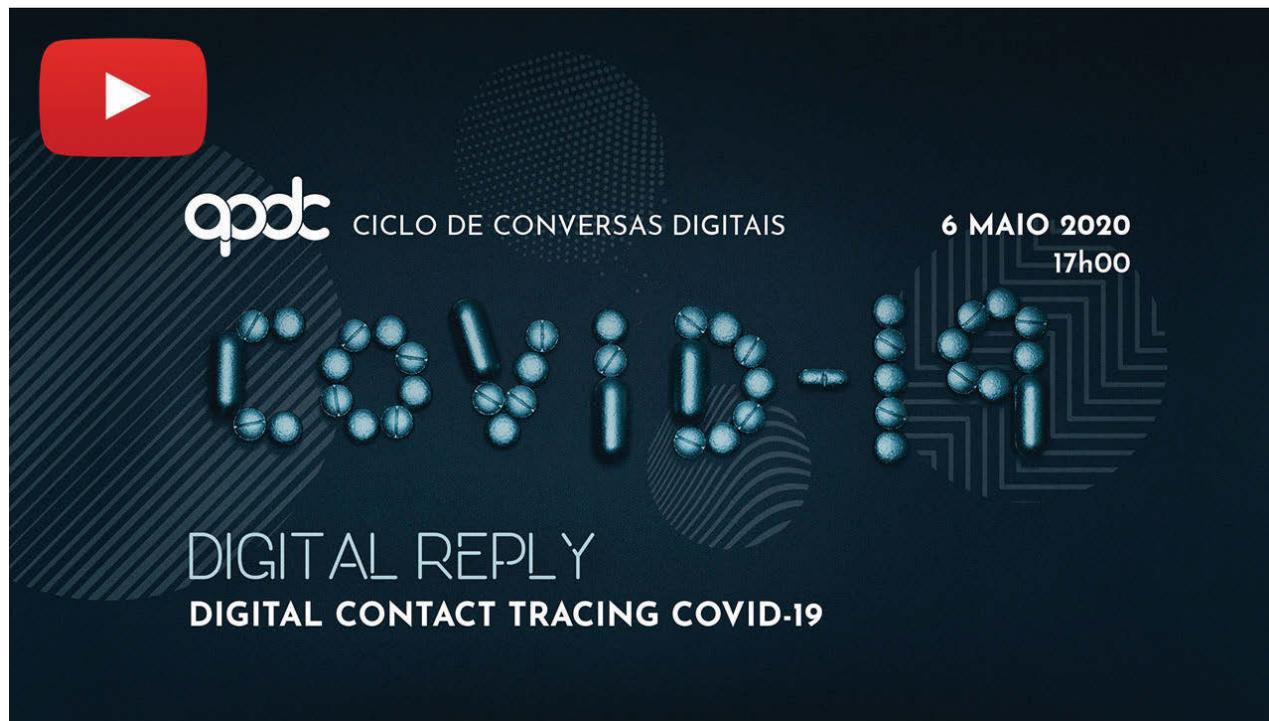


Como teve conhecimento deste webinar?



Aceda
ao vídeo
do Evento

<https://youtu.be/lxCitXNelgc>



DIGITAL CONTACT TRACING

Rastrear e conter a pandemia

As soluções digitais de rastreabilidade são a única forma de controlar e conter o crescimento da pandemia, agora que estamos em fase de desconfinamento gradual e se espera um grande aumento dos contactos pessoais, com o conseqüente risco de um novo aumento das infeções.

A APP **"STAYAWAY COVID"**, apoiada pelo Governo e anunciada como a app nacional, a par das que estão a ser lançadas noutros países, deverá estar pronta para ser lançada em duas ou três semanas. E é considerada fundamental, porque garante rapidez e eficácia na resposta às redes de contágio da COVID-19. A privacidade e a segu-

rança dos dados dos utilizadores de telemóveis estão garantidas, apesar de todas as polémicas que têm surgido, como foi assegurado pelos oradores da mais recente conversa digital do ciclo "COVID-19 Digital Reply".

Nesta iniciativa, o professor Catedrático da Faculdade de Engenharia da Universidade do

Porto e presidente do Conselho de Administração do INESC TEC, entidade que coordenou todo o projeto de criação da aplicação móvel, explicou como surgiu a ideia e qual o ponto de situação. José Manuel Mendonça diz que a app “Stayaway Covid” está pronta e prestes a entrar em testes, assegurando que é de participação voluntária e que tem como missão auxiliar o país no rastreio à pandemia.

Não sendo intrusiva nem discriminatória, garante a privacidade e proteção de dados dos utilizadores, já que não acede a quaisquer dados do utilizador, explica este responsável. Garante que a aplicação faz um rastreio rápido e anónimo das redes de contágio, através da deteção da proximidade física entre smartphones via Bluetooth, e informando os utilizadores que estiveram no mesmo espaço de alguém infetado nos últimos 14 dias. Adianta ainda que a aplicação cumpre também toda a legislação nacional e europeia de proteção de dados, assim como a interoperabilidade com as iniciativas do maior número de países europeus e está conforme com as API da Apple e da Google.

BENEFÍCIOS ULTRAPASSAM OS RISCOS

Paulo Portas, jurista, comentador ex-ministro, também é defensor deste tipo de soluções, ape-

sar dos eventuais riscos que possam acarretar. “A utilização de ferramentas digitais para conseguir quebrar as cadeias de contágio e conciliar um confinamento parcial com um desconfinamento parcial, garantindo a

segurança e a saúde pública, faz todo o sentido”, assegura.

Tendo em conta os exemplos dos países asiáticos, que adotaram soluções de rastreabilidade, e já estando comprovado que foram essenciais para a eficácia no controlo da pandemia, defende que os demais países terão de aprender com estes exemplos.

“A Europa tem um mês e meio a dois meses de atraso nesta matéria. Começou por ter excesso de confiança nas suas certezas e, numa pandemia em que o tempo é saúde e é economia, este atraso deveria estar a ser corrigido a toda a velocidade. Não tenho a certeza que o esteja. Em todos os

países europeus onde se está a preparar o lançamento de uma app para rastreio, há sempre uma controvérsia e temos de estar preparados para isso”, destaca.

Por isso, não tem dúvidas de que Portugal tem de se concentrar “numa boa solução e acreditar em quem está na vanguarda nessas matérias. Estamos no início de um desconfinamento parcial e já estamos atrasados, porque há risco de um aumento da contaminação. A única forma de fazer este desconfinamento parcial com

A utilização de ferramentas digitais que ajudem a quebrar as cadeias de contágio da pandemia, permitindo que o desconfinamento gradual seja feito com garantias de segurança e de saúde pública, é considerada essencial

segurança é rastrear os contágios”. É que a adoção desta app é vista como será determinante do ponto de vista de saúde pública, para evitar segundas vagas da pandemia ou réplicas.

Quanto aos riscos, destaca que basta olhar para o efeito ‘Cambridge Analytics,’ onde não era suposto que os dados recolhidos através do Facebook fossem usados ou vendidos a terceiros. Por isso, o que tem de se garantir é exatamente que os dados recolhidos pela aplicação não sejam usados para outros fins. A garantia de destruição dos dados a cada 14 dias é, na sua ótica, relevante, tal como a aposta numa solução descentralizada, que evitará ataques e roubos.

MAIS UMA PEÇA DO PUZZLE

Henrique Barros, presidente do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, professor Catedrático da Faculdade de Medicina do Porto e presidente da IEA - International Epidemiological Association, também não tem dúvidas de que o rastreio dos contactos é fundamental, não apenas no caso da pandemia atual do coronavírus como em qualquer situação de natureza epidémica, uma vez que é central na capacidade de resposta do sistema de saúde.

“Enquanto epidemiologistas, temos de pensar se

teremos ou não que mudar a forma como lidamos com o diagnóstico, utilizando as mudanças tecnológicas para ter novas ferramentas”, diz este médico, que compreende “que os dados

de saúde são particularmente sensíveis”, mas defende que é possível encontrar uma solução para os proteger.

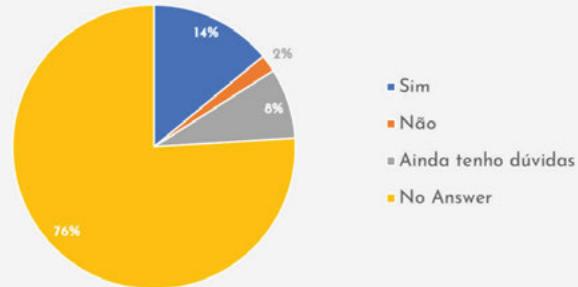
“A app resolve os problemas de forma muito mais rápida e ultrapassa vários constrangimentos, como a memória das pessoas. Olhamos para ela com o mesmo enquadramento que olhamos para um medicamento. Tem de ser eficaz e segura: eficaz a resolver o problema e segura para garantir que não vai entrar em domínios da vida privada das pessoas que nada têm a ver com o problema. Temos de definir regras”, defende.

Para Henrique Barros, esta aplicação de rastreabilidade “não substitui o lado humano, do contacto com as pessoas, mas ajuda a esse contacto. É

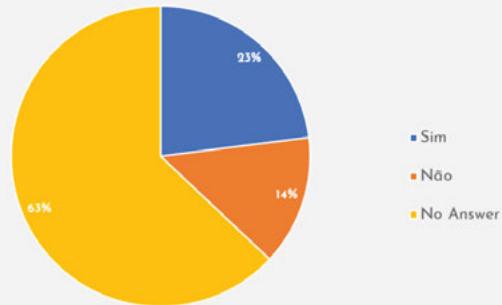
mais um estetoscópio que vai facilitar a resolução do problema. Tem de ser vista como uma peça de um puzzle de respostas ao problema, que é tratar os doentes que precisam de ser tratados”.•

A app deve ser olhada com o mesmo enquadramento que se olha para um medicamento. Tem de ser eficaz a resolver o problema e segura para garantir que não vai entrar em domínios da vida privada das pessoas, diz o epidemiologista Henrique Barros

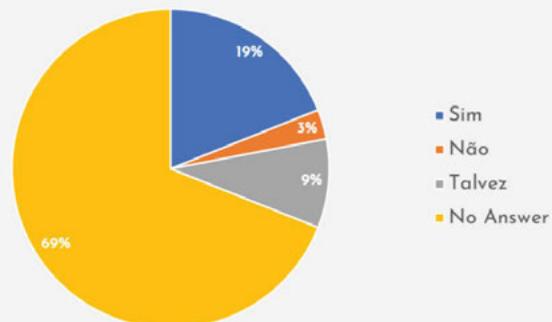
Ficou claro para si que não há concessões à privacidade na utilização desta app?



Sentiria mais confiança no desconfinamento e na retoma à nova normalidade, se esta solução de digital contact tracing fosse obrigatória?



Está disponível para instalar esta aplicação quando for disponibilizada?



»»»» **Aceda**
 »» **ao vídeo**
 > **do Evento**

<https://youtu.be/jCk82ZMXDvc>



MONITORIZAR E RASTREAR, COM APPS LOCAIS OU GLOBAIS

Usar a tecnologia para combater o coronavírus

Multiplicam-se as soluções tecnológicas para combater a pandemia. Mas, para garantir um regresso a uma 'nova normalidade', têm de respeitar vários pontos fundamentais: serem voluntárias, garantirem a privacidade do utilizador e a proteção dos seus dados e serem completamente anónimas, seguras e open source.

ESTE É O OBJETIVO e as garantias dadas pelas apps de monitorização 'CovidApp.pt' e 'Covidografia' e das apps de rastreio 'CoidApp.org' e 'CoronaManager', apresentadas na terceira conversa digital do Ciclo "COVID-19 Digital Reply", que decorreu a 19 de maio. Os seus responsáveis defenderam ainda que as soluções terão sempre de implicar um trabalho coordenado e em ecossistema.

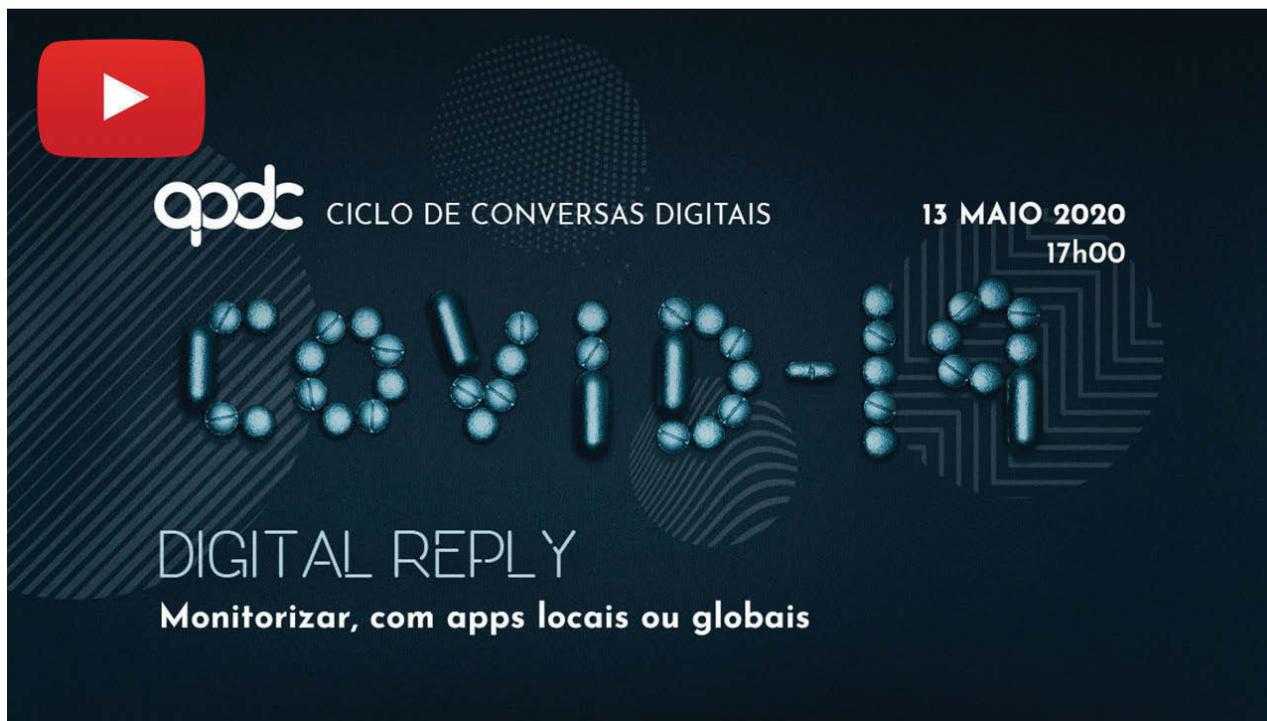
A CovidApp.pt surgiu no início de março, em resultado da preocupação de um grupo de médicos do Porto que estavam a defrontar-se com dificuldades em responder à pandemia. A criação desta aplicação visou dar resposta à necessidade dos profissionais de saúde de controlarem os doentes infetados de forma remota, assim como garantir aos pacientes em isolamento uma maior segurança e um reforço das boas práticas a seguir, como explica Francisco Sales, Co-Founder e Tech Lead da Mosano, a empresa responsável pela criação da solução.

A aplicação, que conta com a colaboração da Faculdade de Medicina da Universidade do

Porto, controla os sintomas do coronavírus através de uma solução inteligente com algoritmos que têm como base as guidelines da Organização Mundial de Saúde. O que permite uma otimização dos recursos de saúde e evita os atendimentos desnecessários. Foi uma das 19 soluções selecionadas no âmbito da iniciativa Gulbenkian Soluções Digitais - Covid 19.

Francisco Sales destaca que a app já teve 37 mil pessoas em simultâneo em observação, apoiando os médicos a perceberem a situação em concreto de cada paciente e a sua perspetiva de evolução, assim como a possibilidade de contactarem os pacientes. Para o futuro, destaca todo o potencial desta ferramenta para fornecer dados às autarquias para calcular os riscos para as pessoas, as redes de contaminação, ou fazer estudos, entre outros. A app poderá ainda estender-se à monitorização à distância de doenças crónicas. Mas, para já, está disponível para qualquer cidadão e estará nas lojas da Google e Apple nos próximos dias.

Outra solução similar, criada exatamente com



os mesmos objetivos de monitorizar sintomas, é a ‘Codivografia’. Pedro Fortuna, Co-Founder e CTO da Jscrambler, diz que o projeto nasceu no mesmo dia em que foi criado o ecossistema tech4COVID19 e está inserido nesta iniciativa de âmbito mais alargado. O objetivo é “tirar uma fotografia ao estado sintomático dos pacientes em confinamento”, para analisar a evolução dos sintomas, melhorar a compreensão da doença e a sua evolução.

Trata-se, tal como a CovidApp.pt, de uma aplicação que recorre ao Symptom Tracing, permitindo atualizações diárias sobre o estado de confinamento e sintomas, dar visibilidade ao utilizador sobre a situação na sua zona e permitir às autoridades antecipar zonas de maior contágio e gerir recursos, entre outros. Todo o projeto foi desenhado em código livre e de forma aberta e pública, com preocupações de ética. A

app ficou preparada para suportar pelo menos toda a população nacional e tem atualmente cerca de 66 mil utilizadores.

Pedro Fortuna anunciou ainda o arranque do 1App4P, uma plataforma através da qual o grupo de trabalho do movimento tech4COVID19 quer ajudar a clarificar as questões que possam surgir em relação às soluções tecnológicas de rastreamento. O objetivo é uma discussão conjunta entre organismos do governo, sociedade civil e empresas, para potenciar os benéficos da tecnologia.

CONTACT TRACING PARA EMPRESAS

Em destaque neste evento estiveram também duas apps de digital contact tracing, a ‘CovidApp.org’, que acaba de alterar o seu nome, e a ‘Coronamanager’. Como explica Carlos Lei Santos, Co-Founder e CEO da HypeLabs, empresa

portuense especializada em mobilidade, a ideia de avançar com a CovidApp surgiu da operação no exterior e das necessidades de clientes da América do Sul, que já têm já a app, que é anónima e privadas. A ferramenta contou também com o apoio de muitos voluntários do tech4COVID19.

Contudo, à medida que os vários países vão chegando a uma resposta para o rastreamento da pandemia, nomeadamente com o lançamento de uma aplicação nacional, e depois da empresa ter ajudado vários países, o gestor considera que a missão “está completa”. Hoje, a ‘CovidApp.org’ é uma aplicação que está a ser procurada sobretudo por empresas e organizações que, com o processo de desconfinamento, querem uma solução que garanta a segurança dos seus funcionários e o controlo do coronavírus. Há já vários clientes nos mercados externos.

A ‘CoronaManager’, criada pela gigante PwC, tem os mesmos objetivos. A aplicação foi lançada inicialmente na Alemanha, seguindo-se o Reino Unido e foi agora disponibilizada em Portugal, para ser comercializada. Tem também como meta responder à necessidade das empresas e organizações terem uma aplicação que ajude no regresso à normalidade, como refere Miguel Fernandes, Consulting Manager da PwC. Através dela, pode-se não só controlar as redes de contágio, mas também melhorar a alocação de espaços e monitorizar eventuais sintomas.

O responsável da PwC destaca que esta solução permite uma experiência clara e intuitiva e acrescenta valor, já que, além de permitir a rastreabilidade, tem um leque alargado de funcionalidades, como a possibilidade de contactar entidades do sistema de saúde, envio de alertas

e a sua receção, nos casos em que o utilizador está a entrar em zonas com mais infeções, e informações georreferenciadas sobre hospitais, farmácias ou supermercados.

Certo também para este gestor é que “é fundamental quando se fala neste tipo de apps, ter em consideração que tudo isto é novo”. Mais: “obriga a que haja uma coordenação muito grande em tudo o que está a ser disponibilizado para cidadãos e empresas. Todas são importantes, mas têm de ter informação credível e ajudar a regressar ao novo normal”.

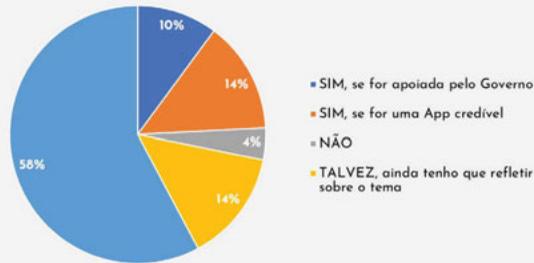
Questionado sobre as taxas de utilização, em termos de percentagem de habitantes, para se obterem resultados de uma aplicação de digital contact tracing, Carlos Lei Santos refere que, independentemente da taxa de adesão, as soluções terão sempre impacto positivo nas redes de contágio, o que tem valor e vem ajudar no controlo da pandemia. Estas aplicações são, claramente, uma alternativa muito mais eficaz que o contact trading via telefone, como tem vindo a ser feito pelas autoridades de saúde. Além disso, fazem o seu trabalho de forma muito mais anonimizada.

Miguel Fernandes acrescenta que haverá sempre um conjunto de aplicações mais usadas e preferenciais, além da app nacional em cada país, como se está agora a fazer e a implementar em algumas regiões. O futuro passa por modelo em que existirão algumas soluções, sendo fundamental garantir que a interoperabilidade entre elas. Para isso, tem de haver coordenação e alinhamento de esforços. O ecossistema em conjunto é que tem de atingir uma determinada percentagem de adesão”, conclui. •

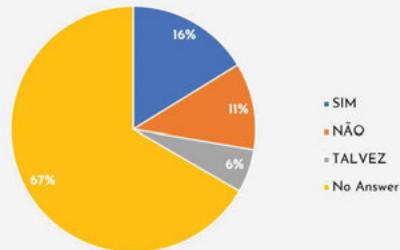
O que o/a preocupa nestas aplicações de digital contact tracing? Indique os 2 principais motivos de preocupação. (122 participantes)



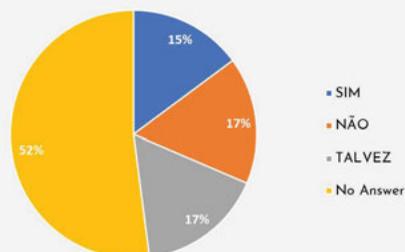
Estaria disponível para instalar uma App de Digital Contact Tracing? (128 participantes)



Se a sua empresa disponibilizasse uma App com Tracing e geo-referenciação, para os colaboradores usarem neste contexto de Covid-19, achava vantajoso? (123 participantes)



Considera que deveria ser obrigatória a instalação de uma App de Digital Contact Tracing para todas as pessoas que saíam do desconfinamento? (121 participantes)



Aceda
ao vídeo
do Evento

<https://youtube.com/watch?v=5XLoic>



PORTUGAL FINTECH NO COMBATE À COVID-19

Uma questão de mindset

Depois de dois meses em que empresas e pessoas foram obrigadas a virar-se para o online, com as medidas de isolamento resultantes da pandemia, a transformação para o digital vai ter de acelerar. O mindset está a mudar e nada vai ser como dantes.

A **ADOÇÃO MASSIVA** de soluções digitais é dada como certa. E as fintechs LOQR, Lovys e hAPI já estão a sentir um renovado interesse nas suas ofertas, 100% digitais, com o seus responsáveis a mostrarem-se muito confiantes quanto ao futuro, como ficou claro na última conversa digital do Ciclo “COVID-19 Digital Reply”, realizada com o apoio da Portugal Fintech, que

decorreu a 20 de maio.

Tendo como principais clientes a banca e o setor financeiro, a startup portuguesa LOQR disponibiliza uma plataforma integrada, unificada e de utilização simples para a gestão de identidades digitais. O que permite às entidades bancárias conseguirem ter acesso, em tempo recorde, às ferramentas necessárias para criarem canais

digitais e disponibilizarem serviços totalmente digitais, com segurança e compliance.

Ricardo Costa, CEO da LOQR, refere que as quatro áreas fundamentais que registam atualmente grande procura são o customer onboarding, a assinatura de documentos e contratos digitais, a autenticação de clientes e o customer data update. E se a procura destas soluções antes da pandemia era grande, desde há dois meses que se intensificou exponencialmente, tanto por parte das empresas que já usavam a sua solução como de novas empresas, já que todas foram obrigadas a trabalhar digitalmente.

“Antes da pandemia, tínhamos que demonstrar que era possível fazer o mesmo, mas de forma digital, e as dificuldades era grandes. De repente, nos últimos dois meses, a prioridade passou a ser o digital, crítico para todas as empresas”, diz o gestor, adiantando que se registou uma adesão em massa aos serviços. De tal forma que a fintech já ultrapassou este ano toda a faturação que registou em 2019.

Áreas como a contratação à distância, a recuperação de acessos de homebanking, a certificação de contactos, a atualização de dados ou a abertura de contas estão a registar uma forte procura. Ainda na semana passada, foi com tecnologia da LOQR que o Banco Montepio abriu a primeira conta bancária 100% online de empresas no mercado nacional, exemplifica o fundador do projeto.

O modelo de negócio assenta numa parceria com os clientes, com partilha de risco, num modelo de software-as-a-service, com o licenciamento da plataforma a ser baseado no número de identidades criadas e/ou geridas. Para os próximos meses, o desafio será, na sua

ótica, a otimização dos novos serviços. “O digital vai manter-se, não vamos voltar atrás. Está cá para ficar, com cada vez mais utilizadores, e é preciso ter capacidade de resposta”, garante.

INOVAÇÃO PORTUGUESA EM FRANÇA

Já a Lovys, considerada uma ‘Netflix dos seguros’, nasceu em França, mas com ADN português. A sua proposta passa por revolucionar a oferta do mercado segurador e a forma de fazer seguros, uma área que, como começa por salientar Gonçalo Parreira, VP of Partnerships da startup, ninguém gosta e que os clientes só contactam quando é mesmo necessário. Por isso, criou uma solução totalmente digital que agrega todas as apólices de seguros, pagas numa única mensalidade, facilitando a gestão familiar e personalizando o produto.

O gestor desta insurtech não tem dúvidas de que as seguradoras precisam de conhecer cada vez melhor os clientes, transformando radicalmente as suas ofertas e respondendo aos novos desafios do digital. Por isso, surgiram como “uma resposta aos novos tempos, sendo digitais e mobile por natureza. O mercado de seguros tinha necessidade de uma solução 100% digital, transparente, all-in-one e flexível”.

A Lovys tem atualmente 15 parcerias de distribuição ativas e 8 parceiros de underwriting, disponibilizando ofertas de seguros de smartphones, casa, saúde, auto e pet. Desde que arrancou em França, em agosto do ano passado, já fez 8 mil apólices e faturou um milhão de euros. E as perspetivas são muito positivas, depois do primeiro impacto da COVID-19 nas atividades. “A nossa experiência tem tudo para correr bem. Temos muito interesse nos parceiros de várias

verticais, para sermos uma solução diferente”, adianta o responsável.

Apesar do seu posicionamento ser mais B2C, a Lovys está agora a fortalecer a sua vertente B2B, com parcerias com a banca, telecomunicações, retalho e outros setores, para “agregar cada vez mais necessidades de seguros de uma forma simples”. Está também a alargar a outros mercados: em Portugal já está a oferecer seguros para smartphones e quer entrar rapidamente em Espanha. Gonçalo Parreira admite ainda, a prazo, uma eventual entrada nos seguros para empresas.

AUTOMATIZAR E ACELERAR

A hAPI é uma fintech especializada em criar interfaces rápidos e simples para a recolha de informação financeira dos clientes da banca, que dispersa por diversos sites. Para isso, a startup desenvolveu uma solução que permite entregar de forma totalmente online toda a informação e documentos originais certificados, para se submeterem pedidos de crédito a bancos e entidades financeiras. No fundo, trata-se de acelerar todo o processo, através de uma API que permite de forma fácil e simples, que toda a informação seja acessível rapidamente. Diogo Nesbitt, cofundador da hAPI, destaca os benefícios desta plataforma de integração: ter informação atualizada e fácil de cruzar, estruturada e de confiança, sendo este um dos seus pontos mais fortes. Com a pandemia, a startup

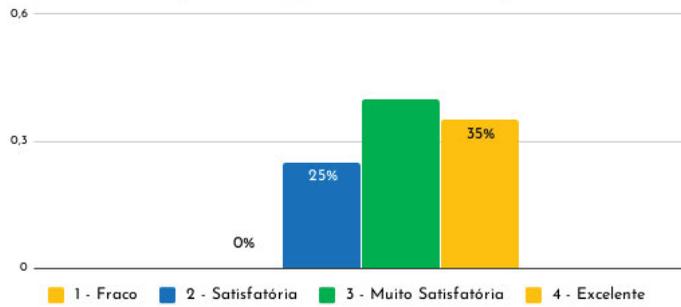
criou um piloto para demonstrar como é que a solução pode ser útil, por exemplo para uma concessão de crédito totalmente online: a partir de uma página do banco, o utilizador pode digitar os seus acessos da Segurança Social, Autoridade Tributária e Banco de Portugal, recebendo o banco apenas a informação e a documentação necessária para a decisão sobre o crédito. Toda a informação é recolhida e validada de forma automática e em poucos minutos.

A pandemia levou a uma subida e massiva adoção de soluções digitais e esta tendência vai manter-se, porque tudo será cada vez mais feito online, depois do confinamento

Questionado sobre eventuais problemas de confidencialidade, já que o cliente digita os seus acessos, admite que esse é um ponto delicado e que haverá sempre o risco de abuso de informação. Mas deixa claro que o risco é muito menor que nos processos usados anteriormente, até porque com a hAPI “são os sistemas que acedem à informação e não as pessoas. Tudo é feito automaticamente, sem partilha de passwords com a entidade bancária”.

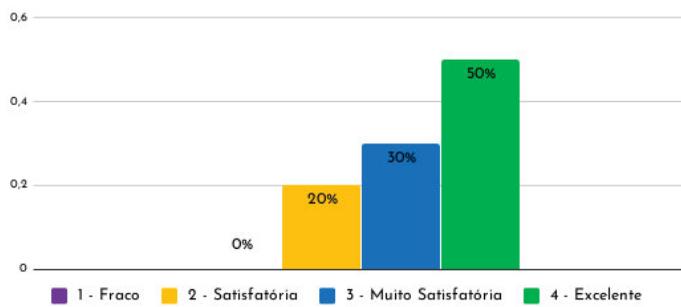
O gestor garante que há um grande interesse nestas soluções, até porque “o processo pode, e deve ser, todo automatizado”. A empresa “sentiu, de repente, os bancos estão cada vez mais interessados em pensar o que podem fazer para reduzir riscos, evitar uma ida à agência e reduzir o consumo de papel”, não só para “minimizar os impactos do coronavírus, mas também para otimizar e redefinir processos”, conclui. •

Como avalia a qualidade global das intervenções?

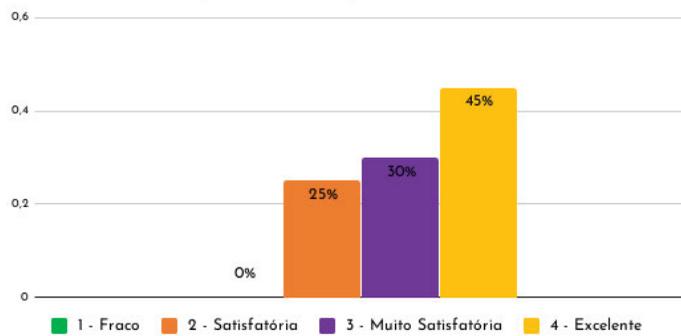


Aceda
ao vídeo
do Evento
<https://youtu.be/aV14UJlBxww>

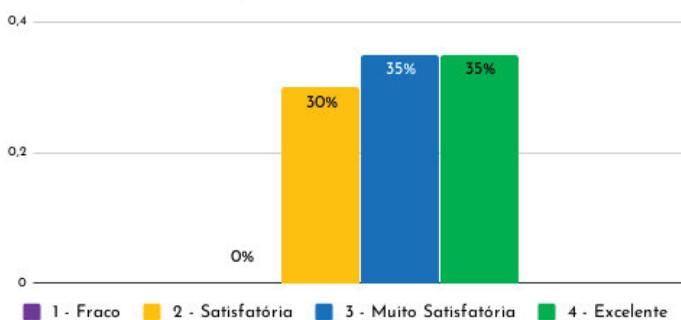
Qual considera ser a relevância do tema deste webinar?



Qual a sua satisfação com esta plataforma?



Este webinar correspondeu às suas expectativas:



Patrocinador Institucional



Patrocinadores Silver



Patrocinadores Bronze

AXIANS

CGI

CISCO

DELOITTE

DXC TECHNOLOGY

EY

GFI

GOOGLE

HP

HPE

IBM

MICROSOFT

NOVABASE

ORACLE

SAP

SAS

Parceiros

JLM & ASSOCIADOS

NOSSA

VdA

VIATECLA